

O USO DO VÍDEO NO ENSINO DA GEOGRAFIA PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Fernanda Borges Neto*
Vânia Rúbia Farias Vlach**

RESUMO

Recentemente, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) divulgou, em seu 11º Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos, informações acerca da situação educacional dos Estados nacionais. O relatório mostra que persiste a exclusão dos grupos mais marginalizados, destaca que a alfabetização de adultos não avançou, e que o número de adolescentes fora da escola está estagnado. No *ranking* mundial sobre o número de adultos analfabetos, o Brasil ocupa o 8º lugar, reforçando a necessidade de políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). O presente artigo é parte de nossa pesquisa de mestrado “A Geografia escolar do aluno EJA: caminhos para uma prática de ensino”, cujos objetivos foram: conhecer e compreender o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem de Geografia; investigar como o ensino de Geografia é praticado nas salas de aula de EJA; analisar a aprendizagem dos alunos da EJA no que concerne aos conteúdos geográficos ensinados e identificar, analisar e propor metodologias adequadas para o ensino de Geografia em classes de EJA, do ensino fundamental. Nesse artigo, discutimos o uso do vídeo como recurso didático e seu papel nos processos de ensino e aprendizagem de Geografia. Após a realização de duas práticas pedagógicas em turmas diferentes, constatamos sua contribuição ao educando da EJA, pois lhe oferece a possibilidade de lançar um “novo” olhar sobre o espaço geográfico, resultado da disputa de poderes e interesses, geralmente conflituosos e contraditórios.

Palavras-chave: Geografia. Ensino. EJA. Recursos Didáticos.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte da pesquisa de mestrado e tem por objetivo propor o uso do vídeo como recurso didático nos processos de ensino e aprendizagem de Geografia para esse

* Licenciada, Bacharel e Mestre em Geografia pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Professora Efetiva da Rede Oficial de Ensino do Estado de São Paulo. Professora Coordenadora de Geografia do Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino – Região de Franca. Endereço eletrônico: fernandageo@hotmail.com.br

** Ex-docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFU. Ex-bolsista CNPq/PQ. Endereço eletrônico: vâniarubiavlach@yahoo.com.br

alunado. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica acerca da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, enfatizando a importância do pensamento de Paulo Freire, e os diversos autores da Geografia que se dedicam ao estudo do ensino da Geografia Escolar.

Concomitantemente, realizou-se pesquisa de campo em uma escola municipal do município de Uberlândia, MG, que ofertava essa modalidade de ensino no período noturno. Foram pesquisadas duas turmas, uma de 3º ciclo, atual 7º ano, e outra de 4º ciclo, atual 9º ano. (BORGES NETO, 2008).

Durante o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica, e dos meses de convivência na sala de aula, participando da rotina escolar, constatou-se a ineficiência histórica das políticas públicas educacionais em garantir o acesso e a permanência desse público na escola; a insistência de práticas desvinculadas da realidade do aluno, desconsiderando a sua condição de sujeito social; a ausência de conexões entre o saber geográfico científico ensinado na escola e o conhecimento prévio do educando, conforme preceitos da pedagogia freiriana; a carência de formação inicial e continuada dos docentes, que atentem para as características e necessidades dessa modalidade de ensino.

Diante da realidade escolar, marcada também pela escassez de material didático adequado a esse público, das defasagens de aprendizagem inerentes ao aluno jovem e adulto, inclusive o tempo necessário para a construção do conhecimento, optou-se pelo uso de vídeos (filme e documentário) como mais um recurso didático à construção do conhecimento geográfico.

Ao longo desse artigo, discorrer-se-á sobre a prática desenvolvida nas aulas de Geografia de duas classes de EJA, no sentido de contribuir para a promoção de uma aprendizagem significativa, considerando as particularidades e especificidades desse público.

2 O VÍDEO COMO RECURSO DIDÁTICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O uso de filmes e documentários como recurso didático em sala de aula não é uma novidade entre os educadores, principalmente após a propagação das novas tecnologias que permitem baixar vídeos em diversos *sites* da *internet*, muitas vezes sem custo.

Tendo em vista o desenvolvimento de uma prática docente crítica, assinala-se sintonia com preceitos de Luckesi (1995), que defende o princípio político de que o educando aprenda e se desenvolva, individual e coletivamente: “[...] o comprometimento com os objetivos políticos da educação, assim como o exercício profissional docente [...] suficiente para transformar o objetivo político em resultados específicos” (LUCKESI, 1995, p. 145).

Sobre o uso do vídeo em sala de aula, autores da Comunicação e da Geografia ressaltam a importância de seu uso para potencializar e enriquecer os processos de ensino e aprendizagem, devido à sua ludicidade, e ao fato de a imagem estar em movimento.

Na Comunicação, Morán (1995) pontua que o vídeo aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana, e introduz novas questões no processo educacional. Para o autor, os vídeos facilitam a motivação e o interesse por assuntos novos, pois são dinâmicos, contam histórias, mostram e impactam. Facilitam o caminho para níveis de compreensão mais complexos e abstratos.

Na Geografia, Barbosa (2003) ressalta que o filme traz uma impressão viva da realidade, e funciona como um provocador de situações de aprendizagem para os alunos e os professores. E, para Pontuschka *et al.* (2009, p. 280), “Os movimentos sonorizados do cinema apresentam forte grau de “realidade”. O que se vê no cinema tem uma semelhança com o real [...]”.

A respeito da contribuição do cinema nas aulas de Geografia (PONTUSCHKA *et al.*, 2009), destacam ainda que essa linguagem abre os horizontes intelectuais para a análise do mundo, pois integra a expressão oral e corporal, a cor e os sons, numa integração de múltiplas linguagens.

Para nós, geógrafos e professores de Geografia, o filme tem importância porque pode servir de mediação para o desenvolvimento das noções de tempo e de espaço na abordagem dos problemas sociais, econômicos e políticos. (PONTUSCHKA *et al.*, 2009, p. 280).

Essa integração de linguagens contribui para uma maior aproximação com o mundo real e enriquece o fazer pedagógico:

Na era da globalização, em que as informações chegam de forma muito rápida por meio da televisão, do cinema, do rádio, do vídeo, do computador, o trabalho pedagógico do professor enriquecer-se-á se ele utilizar todos esses recursos para a produção de um conhecimento que ajude o aluno a compreender o mundo que vive (PONTUSCHKA *et al.*, 2009, p. 263).

No entanto, (PONTUSCHKA *et al.*, 2009; BARBOSA, 2003; MORÁN, 1995), advertem que o vídeo deve estar inserido no planejamento pedagógico para evitar os equívocos e usos inadequados na sala de aula.

Sobre a importância do ato de planejar, (LUCKESI, 1995) afirma que se trata de um ato decisório político, científico e técnico:

[...] Político na medida que se estabelece uma finalidade a ser intencionalmente construída. [...] define a finalidade mais abrangente construída. [...] científica, pois necessitamos de conhecimentos científicos para dar conta do objetivo político que temos. [...] técnica que se refere à construção dos modos operacionais que vão mediar a decisão política e a compreensão científica do processo de nossa ação. (LUCKESI, 1995, p. 146).

Sobre a ausência do planejamento escolar, Morán (1995) e Luckesi (1995) assinalam que alguns equívocos são cometidos no trabalho com vídeos, dentre os quais: o vídeo tapa-buraco (o aluno associa o uso do vídeo a não ter aula), o vídeo-enrolação (usado para camuflar a aula), o vídeo-deslumbramento (passado em todas as aulas, perde sua eficácia e as empobrece), o vídeo-perfeição (questionado por professores porque possuem defeitos de informação ou estéticos) e, por fim, o só vídeo (sem discuti-lo e integrá-lo ao assunto da aula).

Sobre o uso inadequado do vídeo em sala de aula e a necessidade de um planejamento, Barbosa (2003) alerta que é preciso inserir os filmes aos temas, conceitos, periodizações e configurações espaciais que se pretende trabalhar, realizando uma ponte entre o saber escolar adquirido e o saber do mundo vivido, sempre com a mediação do professor: “O papel do filme na sala de aula é o de provocar uma situação de aprendizagem para os alunos e professores” (BARBOSA, 2003, p. 112).

Sem um planejamento prévio, o uso do vídeo, como qualquer outro recurso didático, não cumpre o seu papel de potencializar as aulas, e, em alguns casos, pode ser prejudicial, sobretudo sem as devidas orientações do professor.

Nesse sentido, Morán (1995) sugere começar com vídeos mais simples, tanto do ponto de vista temático quanto técnico, para, paulatinamente, trabalhar com vídeos mais complexos, de forma a desenvolver o espírito crítico do aluno para discernir boas e más produções.

Nas aulas de Geografia, o filme ou documentário deve estar inserido em um contexto, pois o papel do cinema, por meio de sua linguagem, é motivar alunos e professores a aprofundar e ampliar o conhecimento geográfico, procurando estabelecer relação entre o que se vê na tela e a sua realidade, e/ou ainda, o que é visto na tela e o que é estudado em sala de aula. “[...] arrolar alguns conceitos que emanam do filme relacionados tanto a aspectos físicos como socioeconômicos e culturais” (PONTUSCHKA *et al.*, 2009, p. 272).

Na atualidade, o vídeo tem ganho maior espaço, particularmente nas diferentes modalidades de cursos oferecidos à distância, pois podem ser visualizados no computador de casa, com relativa facilidade, enriquecendo os estudos nas diversas áreas do conhecimento.

Em Geografia, vídeos contendo mapas estáticos e interativos, esquemas, infográficos estáticos e interativos, filmes/trechos de filmes e documentários, curta-metragem, animação, palestra, reportagem, vídeoaula, são muito úteis se contextualizados aos temas, conceitos, periodizações e configurações espaciais que se pretende trabalhar.

Dessa forma, procurou-se desenvolver uma prática pedagógica crítica com os alunos, por meio dos vídeos: a série de televisão “Morte e Vida Severina”, baseada na obra de João Cabral de Melo Neto, da Rede Globo, e os documentários “Terra ao sul do Saara” e “O vale do rio Nilo e seus habitantes”, da Enciclopédia Britânica – Barsa Vídeo, em acordo com os conteúdos curriculares previstos para um ciclo, e com a seleção de uma das docentes de Geografia.

2.1 O uso do vídeo com alunos da 6ª série/7º ano (3º ciclo) da EJA

A seguir, discorrer-se-á sobre a prática pedagógica da pesquisa de campo realizada nas classes de EJA pesquisadas, baseando-se nos princípios da Antropopedagogia (MORIN, 2004).

As observações e intervenções foram realizadas em uma turma de 6ª série/7º ano (3º ciclo), e uma de 8ª série/9º ano (4º ciclo) da EJA, com o objetivo de observar, intervir, analisar, avaliar e refletir sobre os processos de aprendizagem dos alunos, a partir do uso do vídeo como recurso didático.

Na 6ª série/9º ano, trabalhou-se a Região Nordeste, conforme consta no documento elaborado pela Secretaria Municipal de Educação, intitulado “Conteúdos Disciplinares de Geografia – Educação de Jovens e Adultos/2007”, tema: “As diferentes formas de regionalização (Goeconômica, IBGE etc.)” (PMU, 2007), e que estava sendo trabalhada pela professora “B”.

Na 8ª série/9º ano, trabalhou-se o continente africano, conforme recomendações da professora “A”, pois, segundo ela, esse conteúdo ainda não havia sido trabalhado em sala de aula.

A atitude da professora “A” - selecionar e priorizar alguns conteúdos - corresponde ao que se preconiza para a EJA, mas também está em consonância com o que Morin (2004, p. 22) delinea sobre o profissional docente:

[...] O docente como ator participante se faz guia e observador; mostra sabedoria e liderança; anima, utiliza uma abordagem socrática ou interativa e torna-se sensível às necessidades dos alunos, colaborando com eles. Ele adquire competência em teorização, na escrita ao narrar a experiência, e exercita o espírito crítico na utilização de pesquisas.

A escola e os alunos não seriam meros objetos de investigação, mas sim atores e sujeitos principais, integrando-os na totalidade e no conjunto, em acordo com Morin (2004, p. 24): “[...] o meio educativo ou escolar é composto de um conjunto de variáveis em interação,

e pode ser percebido como sistema sem dúvida estruturado, mas possuindo o dinamismo de um organismo vivo devido às pessoas que o compõem”.

O objetivo era auxiliar na busca de alternativas para um ensino de qualidade, sem imposição, mas procurando uma integração entre a academia e a realidade, tarefa bastante árdua tendo em vista a complexidade do real.

Morin (2004) traz da Antropologia o respeito ao educando pelo pesquisador, observador participante, que deve agir com empatia, simpatia sem prejudicar o desenvolvimento da Pedagogia, e com a condição de ser bem aceito pelos grupos. Segundo esse autor, a Antropopedagogia tem como finalidade essencial captar o sentido e as significações dos acontecimentos pedagógicos; visa tanto o questionamento de uma problemática quanto a resolução de problemas; constitui-se em uma abordagem dinâmica que é difícil se fixar em uma definição, mas que pode definir-se como método de pesquisa que utiliza o essencial da *démarche* antropológica em prol da Pedagogia para facilitar uma compreensão e uma avaliação dos fenômenos educativos:

[...] Em suma, a antropopedagogia se consagra a descobrir toda estratégia que permita a expressão a mais completa e a utilização a mais criativa das forças vivas da comunidade que está vivendo um projeto educativo social (MORIN, 2004, p. 53).

Assim, para promover a participação de todos os integrantes da escola, principalmente dos alunos, foram observados alguns dos preceitos da pesquisa-ação integral (PAI), que, por sua vez, exige a participação dos atores em todas as etapas do processo.

Para Morin (2004), a pesquisa-ação é participativa por essência. A participação dos atores e dos pesquisadores é analisada em suas diferentes formas e graus de intensidade e destinada à democratização das práticas educativas e sociais, nos campos em que ocorrem a pesquisa e a ação.

Nos primeiros encontros com os alunos, esclareceu-se o(s) objetivo(s) da pesquisa, o porque da escolha daquele público, as atividades que seriam desenvolvidas. Isso proporcionou uma maior aproximação entre os atores da pesquisa (pesquisador, alunos e professores).

Os primeiros dias foram de observação, para conhecer as turmas, os alunos, os professores, enfim a dinâmica da escola, e, para a intervenção, selecionou-se duas turmas, uma do ciclo 3 e outra do ciclo 4, nas quais trabalhou-se o vídeo como recurso didático.

A escolha do vídeo como recurso didático também se deu em virtude da necessidade de se trabalhar o conteúdo em um tempo bastante reduzido, de forma que era preciso aproveitar o tempo de permanência do aluno na sala de aula. Outro elemento importante:

oferecer uma prática que fugisse da aula tradicional, e que fosse menos cansativa, procurando mobilizar os educandos em torno da(s) temática(s).

Na 6ª série/9º ano, realizou-se uma atividade sobre a Região Nordeste; na 8ª série/9º ano, sobre a África.

Antes da apresentação dos vídeos, cada aluno recebia um roteiro para o acompanhamento do filme, que continha o título, autor, direção e outras informações relativas à obra que iriam assistir.

Na 6ª série/9º ano, projetou-se uma gravação da série especial “Morte e Vida Severina”, baseada na obra de João Cabral de Melo Neto, e, na 8ª série/9º ano, os dois documentários “Terra ao sul do Saara” e “O vale do rio Nilo e seus habitantes” de autoria da Enciclopédia Britânica – Barsa Vídeo.

Foi solicitado que, no decorrer dos vídeos, observassem e registrassem no caderno, informações sobre os personagens, os aspectos físicos e humanos da(s) paisagem(s), os grupos sociais, a(s) temática(s) central(is) trabalhada(s), entre outros elementos.

O registro dos elementos dos filmes foi importante para que os alunos, acostumados com as tradicionais aulas com quadro, giz e professor, não confundissem aquele momento com uma simples sessão de cinema, conforme adverte (PONTUSCHKA *et al.*, 2009, BARBOSA, 2003, MORÁN, 1995).

A entrega dos roteiros, antes do início da apresentação dos vídeos, gerou murmúrios entre os alunos, pois perceberam que era necessário prestar atenção nos detalhes, realizar anotações, algo novo para eles. Enquanto os alunos mais jovens se sentiam um pouco incomodados, os mais velhos demonstravam certa preocupação, e solicitaram que as luzes continuassem acesas para fazerem suas anotações.

Esse momento foi fundamental para eliminar a ideia, segundo a qual, quando um professor não quer dar aula, ele leva os discentes para a sala de vídeo, coadunando com (MORÁN, 1995).

Ao final da apresentação dos vídeos, discutia-se com os alunos os aspectos gerais, como os personagens, os temas, as paisagens e outros retratados no filme, e os alunos tinham a oportunidade de oralizar seus pontos de vista.

Muitos alunos disseram que era mais fácil aprender Geografia daquela forma, visualizando a realidade por meio das imagens de um filme, e que, quando apenas se lê os conteúdos, estes nem sempre ficam tão claros, ou seja, mesmo antes de se aplicar os questionários avaliativos, já se percebia algumas vantagens desse recurso didático, pois, no

mínimo, trouxe o debate sobre a aprendizagem para a sala de aula, conforme preceitos de (BARBOSA, 2003).

Após a aula dialogada, os alunos respondiam o questionário, composto de questões dissertativas em linguagem acessível, como instrumento avaliativo da aprendizagem por meio da escrita.

No debate sobre a avaliação, Luckesi (1995) alerta que as atuais práticas da avaliação educacional escolar estão a serviço de um entendimento teórico conservador da sociedade e da educação e, para um rompimento de tais práticas, tem-se que necessariamente situá-la em um contexto pedagógico, colocando a avaliação escolar a serviço de uma Pedagogia que entenda a educação como mecanismo de transformação social.

Durante a avaliação, detectou-se a dificuldade de os alunos expressarem por escrito as suas ideias, resultado, a nosso ver, dos longos anos de ausência escolar, da falta de contato com a leitura, o que demanda um trabalho conjunto dos professores de todas as áreas, a fim de se melhorar as competências da leitura e escrita.

Os vídeos trabalhados nas 6^a/7^o e 8^a/9^o séries/anos foram escolhidos de forma a auxiliar a compreensão dos conteúdos geográficos, conforme assinalado por (PONTUSCHKA *et al.*, 2009; BARBOSA, 2003), e privilegiou-se uma abordagem crítica e desmistificadora, para revelar aos alunos que a organização do espaço geográfico é resultado da luta de classes e de interesses de determinados grupos sociais.

Procurou-se desenvolver uma leitura de mundo que fosse capaz de revelar que

[...] as representações espaciais só têm verdadeiro significado para aqueles que as sabem ler, e esses são raros; dessa forma, as pessoas não irão perceber até que ponto foram enganadas [...] (LACOSTE, 2004, p. 40).

Além dos aspectos físicos e humanos, os vídeos também apresentam os aspectos políticos, culturais e ambientais, contribuindo para o desenvolvimento da capacidade de se pensar o espaço como um todo e, nesse sentido (LACOSTE, 2004, p. 53 – grifos do autor) corrobora que:

[...] O desenvolvimento do processo de espacialidade diferencial acarretará, necessariamente, cedo ou tarde, a evolução, a nível coletivo, *de um saber pensar o espaço*, isto é, a familiarização de cada um com um instrumento conceitual que permite articular, em função de diversas práticas, as múltiplas representações espaciais que é conveniente distinguir, quaisquer que sejam sua configuração e sua escala, de maneira a dispor de um instrumental de ação e reflexão. Isso é que deveria ser a razão de existir da geografia.

Para trabalhar a Região Nordeste na 6ª série/7º ano, utilizou-se a série especial baseada na obra de João Cabral de Melo Neto, intitulada *Morte e Vida Severina*, produzida pela Rede Globo de Televisão, no ano de 1981.

Trata-se de uma adaptação do poema homônimo, que narra a história de um retirante nordestino, Severino, que migra para a cidade grande em busca da sobrevivência. O vídeo mostra os diferentes momentos dessa viagem em direção a Recife, capital de Pernambuco, com uma riqueza de detalhes que permitem ao educando participar da viagem. É como se os expectadores pudessem se colocar no lugar de Severino, sentir as suas tristezas, angústias e decepções.

Durante a realização do debate, cada aluno recebeu uma cópia do poema, como forma de apresentar e promover a leitura do texto original, mas também auxiliar e embasar as discussões em sala de aula.

Previendo falta de tempo para que os alunos procurassem o significado das palavras desconhecidas no dicionário, a pesquisadora preparou uma lista de palavras com seus respectivos sinônimos para os alunos.

Ao término do debate, foram aplicados aos alunos 16 questionários avaliativos, compostos de quatro perguntas abertas, cujas respostas (excertos) são apresentadas no decorrer do texto, respeitando a escrita original.

Dos 16 questionários aplicados sobre o filme “Morte e Vida Severina”, descartou-se um, porque o aluno faltou à aula no dia da apresentação do filme. Dos 15 alunos que participaram da atividade, 13 responderam que gostaram de assistir ao filme, e dois disseram não haver gostado.

Os nomes dos alunos são representados apenas pela primeira letra do nome. Assim, dos dois alunos que disseram não haver gostado do filme, destaca-se a fala de F (22 anos, servente), que relata que “*ele [o Severino] sofreu muito para sobreviver e terminou morrendo de injusta*”, ou seja, o aluno alega que não gostou do filme porque a personagem do Severino sofre muito durante a sua peregrinação até Pernambuco, e chegando lá, percebe que os problemas socioeconômicos também estão presentes nas grandes cidades, demonstrando insatisfação com o fim dado por João Cabral de Melo Neto a personagem principal.

Quanto aos alunos que gostaram do filme, destacam-se as ponderações seguintes:

Sim. Por causa das paisagem, as músicas são muito engraçada e por que explica muito sobre a região Nordeste e um filme que chama muita atenção. (V, 15 anos, estudante).

Sim. Por que mostra a realida como e Região Norte mostra a desnutrição a seca e o desemprego. (P, 16 anos, vendedor).

Sim eu gostei muito, pois assistindo o filme eu fiquei sabendo mais sobre as dificuldades do nordeste e a vida das pessoas que abitam lá. (C, 16 anos, estudante/trabalha em um supermercado).

Sim. Porque se trata de uma realidade, problemas, dificuldades enfrentadas por pessoas nordestinas, compriender e valorizar melhor a vida e compriender melhor a região Nordeste. (C, 31 anos, "do lar" e estudante).

Sim. porque eu apreder sobre o Nordes o que eu não sabia, que tinha tanta morte assim. (M, 31 anos, estudante).

Sim. Porque nos podemos ver a triste vida de severino e de todos que morram no nordeste, a disigudade financeira, divigudade de arrumar um pedaço de terra e divigudade de trabalho. (A, 16 anos, servente).

Tais ponderações revelam que a maioria dos alunos gostou do filme porque puderam conhecer alguns aspectos físicos e humanos da Região Nordeste. Os depoimentos mostram uma preocupação em comum: as dificuldades que o povo nordestino enfrenta em busca da sobrevivência, resultado relatado como fundamental ao usar o vídeo em sala de aula, segundo (PONTUSCHKA *et al.*, 2009).

O primeiro depoimento cita que as músicas do filme, de autoria de Chico Buarque de Holanda, são engraçadas; todavia, as músicas retratam de forma incisiva e melancólica a triste vida do homem do Nordeste.

As cenas, os diálogos, e as músicas, evidenciam problemáticas como a desigualdade social, a má distribuição de renda e de terras, as elevadas taxas de mortalidade infantil, a desnutrição, a seca, o desemprego, e os depoimentos dos alunos indicam que houve uma apreensão daquela realidade, em acordo com (PONTUSCHKA *et al.*, 2009; LACOSTE, 2004; BARBOSA, 2003).

No segundo questionamento, indagou-se por que o filme auxiliou na apreensão e compreensão da Região Nordeste. Seguem as respostas:

Sim. Pois ficamos sabendo mais da realidade, da seca e as dificuldades que acontecem com as pessoas do nordeste. (C, 16 anos, estudante/trabalha em um Supermercado).

Sim. Porque mostrou como é a paisagem do Sertão Nordestino, o estilo de vida população, clima, plantas. (L, 27 anos, mecânico industrial).

Sim. Porque ele ajudou a lhe compreender clima, vegetação e a pobreza. (L, 16 anos, estudante).

Sim. por que nos vivemos fora da realida não sabemos o que acontese em outras regiões, com pessoas umilde e nesceitadas. (M, 31 anos, estudante).

Sim. Al decorre da istoria conhecemos também as apectas geograficos, culturais, financeiras, seus sonhos, costumes ou seja o modo de cer, viver e o abtart em que vim. (D, 17 anos, serviços gerais).

Sim. Compriende que a seca não é o principal problema o maior problema é o poder a classe social (grandes latifundiários). Pobreza, desnutrição, diferentes paisagens, a luta pela sobrevivencia. (C, 31 anos, "do lar" e estudante).

Sim. Por que motra a forme e lá não tem muito trabalho. (A, 17 anos, estudante).

As respostas revelam que os elementos físicos, como o clima e a vegetação, chamaram a atenção dos alunos, além da pobreza, da fome, do desemprego, e da cultura local, igualmente registrados.

Importante destacar o depoimento de C, 31 anos, "do lar" e estudante: ela afirma que a seca não é o maior problema da região, mas, sim, a concentração fundiária, a luta pelo poder, poder esse exercido pelos latifundiários, que impedem qualquer iniciativa de participação popular em prol de uma sociedade mais justa. Nesse caso, a educanda percebeu que existe uma "indústria da seca" escondendo todas as mazelas do Nordeste, corroborando para o que (LACOSTE, 2004, p. 53), entende por "saber pensar o espaço".

Na terceira pergunta, indagou-se o que os alunos haviam aprendido da Geografia da Região Nordeste. As respostas seguem abaixo:

Varias coisas como e os estados e como e as regiões, já estou começando a gostar da região nordeste e principalmente de Geografia. (V, 14 anos, estudante).

Aprendi sobre a seca, vegetal caatinga de um lado e plantação de outra. Das casas muitos simples de barro. (A, 31 anos, costureira).

Eu aprendi muitas coisas, sobre as regiões, sobre os climas, as paisagens e a vida dos nordestinos que emigram da roça para o meio-norte em Busca de trabalho e conforto e sempre alguns acabam se dando mal. (C, 16 anos, estudante/trabalha em um Supermercado).

Que o clima é muito quente e seco, quase não há água e plantações, a paisagem é seca com cactos e plantas nativas, quase não chove por isso não há como plantar e progredir não há muitos meios de melhorar a vida no sertão. (L, 27 anos, mecânico industrial).

Aprendi que no Nordeste o clima é muito seco e tem muita miseria, pessoas passando fome, sede, morendo de tanto trabalhar. (M, 31 anos, estudante).

Que é uma região muito diferenciada geograficamente [...] e dividida em 4 sub regiões cada qual com vegetação diferente e financeiramente pois poucas tem muito e muitas tem pouco ou nada com uma grande tacha de miseria, mortalidade infantil e também adulta pois muito morre doentes ou de fome, outras matadas pelos latifundiários. (D, 17 anos, serviços gerais).

Que a região Norte se divide em sub região. Caatinga: Vegetação cactos, planta que retém água. Agreste: Plantação cana de acucar. Zona da Mata: (Recife) ricos tem propriedades. (C, 31 anos, "do lar" e estudante).

Os excertos acima mostram que diferentes elementos chamaram a atenção dos alunos: para alguns, os aspectos físicos, para outros, os socioeconômicos; contudo, o mais importante foi verificar que os aspectos políticos também estão presentes nos depoimentos, como o assassinato de pequenos produtores e posseiros e a desigualdade social, que cria um enorme abismo entre os pobres e os ricos.

Aliás, com relação à necessidade de se incorporar os aspectos políticos à análise geográfica, Lacoste (2004) considera que o repúdio do político provocou uma considerável

redução do campo da geograficidade, uma vez que o econômico e o social foram “esquecidos” e que:

[...] Enquanto que na evolução das diversas disciplinas científicas, o termo corte epistemológico serve para designar uma mudança qualitativa progressista, que permite ver as coisas de maneira nova e mais eficaz, na evolução da geografia a mudança foi regressiva (LACOSTE, 2004, p. 132).

Por fim, procurando atender aos preceitos de alguns autores como (PONTUSCHKA *et al.*, 2009; CASÉRIO, 2003; FREIRE, 2003; BARBOSA 2003; RESENDE, 1986), sobre a necessidade de contextualizar os conteúdos escolares e os geográficos à experiência de vida do aluno da EJA, solicitou-se, na última pergunta do questionário avaliativo, que os alunos relacionassem os temas abordados no filme com a sua realidade, ou seja, a sua vida cotidiana.

Neste caso, os excertos foram separados por blocos de acordo com as temáticas citadas pelos alunos:

O filme me chamou muita atenção sobre a imigração, eu sou um imigrante nasci, no estado de Goiás na cidade de Itumbiara. No filme não tinha muita coisa relacionada a minha vida. (V, 14 anos, estudante).

Minha vida é parecida com a do Severino pela imigração, desemprego etc. (L, 16 anos, estudante).

Conheço várias pessoas que procuram emprego como o Severino. Conheço pessoas que imigram para o Brasil: pessoas que são vítimas de várias coisas: como a miséria, falta de lugar para morar, etc... (V, 15 anos, estudante).

A vida severina as pessoas mais pobres passam todos os dias. Eu já passei por isso. Eu e meus pais viemos de outra cidade para conseguir uma vida melhor. Nos viemos de caminho passando dificuldade e muita fome, era-mos 12 irmãos, todos pequenos. (M, 31 anos, estudante).

Os quatro depoimentos acima evidenciam que esses alunos colocam a migração e a busca por uma vida melhor como um ponto comum entre o filme e as suas histórias de vida.

O primeiro depoimento é contraditório, pois, ao mesmo tempo em que o aluno se reconhece como um imigrante, como a personagem Severino, ele finaliza a sua fala dizendo que a realidade representada pelo filme não se parece com a sua história de vida.

No quarto depoimento, o aluno admite que ele e sua família enfrentaram muitas dificuldades, chegando ao extremo de não terem como se alimentar, tal como sucede com a personagem Severino; mesmo chegando na cidade grande, onde teoricamente há maiores oportunidades de trabalho e abundância de alimentos, não consegue o tão almejado emprego, e novamente se depara com a fome:

No começo do filme já começa com uma morte severina, pessoas carregando um corpo, então tudo sobre o que acontece lá e que está acontecendo no nosso Dia-a-Dia como: A fome, a miséria, a matança, o desemprego, a falta de água, a seca, tudo isto é uma realidade em fatos reais. Logo quando Severino está em Recife e ouve alguns rapazes dizendo:

“O dia hoje está difícil não sei onde vamos parar. Deviam dar um aumento aos menos aos deste setor de cá”. Isto significa que lá na cidade também falta mudanças, como trabalho, justiça e liberdade. (C, 16 anos, estudante/trabalha em um Supermercado).

Onde vivemos também há muita dificuldade, como o desemprego, miséria e até fome. Pessoas que não estudam somente pensam em trabalhar pra conseguir alguma coisa no dia a dia. Hoje estou estudando correndo atrás do tempo perdido, oportunidade que nem todos do Sertão nordestino podem ter. (L, 27 anos, mecânico industrial).

A saga dos ceverinos é muito parecida com a nossa. Em todo Brasil o poder esta nas mãos de um peno grupo, formado por aqueles que possuem mais dinheiros. Trabalhamos por um presso injustos praticamente impossível de se subir a um nível financeiro mais alto com o próprio suor é ainda somos obrigados a dar graças a Deus, pois muitos paçam fome e frio nas ruas ou se entregão a forte marginalidade por não ter um emprego quando ficamos velhas e não aguentamos mais trabalhar trabalhosamente conseguimos uma posentadoria chamada pelo governo de generosa. Quando na verdade mal da para corpra os remedios para as enfermidades adicridas em uma vida inteira de trabalho. (D, 17 anos, serviços gerais).

Vemos no filme a luta de um homem por uma vida melhor, procurando estabilidade, buscando melhoras. Uma jornada que não foi feliz. Podemos dar como exemplo pessoas que vivem sem estudo trabalhando duro p/ sustentar seus filhos que nao consegue ver seus sonhos realizados por falta de oportunidades, ou por não ter condições de alfabetização outros tem oportunidades mais não a valorizam, devemos pensar melhor e aproveitar as oportunidades. (C, 31 anos, "do lar" e estudante).

A vida que nó levamo não é muito diferente que a dele a aqui não tem muitos trabalho e tem muitas pessoas que passa difiocdade por causa da falta de trabalho. (A, 17 anos, estudante).

Nesse segundo bloco de respostas, acima transcritas, os alunos colocam que os problemas de desemprego, fome, miséria, e injustiça social estão presentes em suas realidades, no campo ou na cidade, principalmente, se não se teve a oportunidade de estudar; por isso, muitos retornam à escola.

Ademais, os alunos falam dos baixos salários pagos aos trabalhadores, da aposentadoria que não cobre as despesas básicas, ou seja, os alunos foram capazes, cada qual com suas palavras, com suas dificuldades, de relacionar a história de vida da personagem Severino com as suas próprias vidas, e com a realidade da maioria dos brasileiros. Foi possível estabelecer relação entre o saber geográfico sistematizado aos seus saberes, requisito fundamental para a construção de raciocínios geográficos.

Outro elemento importante e presente nos depoimentos dos alunos foi a capacidade de observar que a realidade do povo nordestino, assim como a deles, é pautada por muitas dificuldades, resultado das contradições de uma sociedade autoritária, injusta e desigual.

Muitos podem questionar se esses alunos não conseguiriam chegar a essas conclusões sem o uso do vídeo como recurso didático. Todavia, a nosso ver, a abordagem política,

presente nas imagens, diálogos e músicas deste vídeo, fez/faz dele um elemento diferencial no conjunto dos recursos didáticos utilizados na sala de aula.

O desenvolvimento, mesmo que embrionário, de uma consciência política sobre o espaço, e sobre o papel do conhecimento geográfico escolar no desvendamento da(s) realidade(s), confirma-se na fala dos alunos. Segundo eles, “Severino segue em direção da própria morte, e sua vontade é adiantá-la, suicidando-se em um mangue da cidade grande”.

2.2 O uso do vídeo com alunos da 8ª série/9º ano (4ª ciclo) da EJA

Nas duas classes, as atividades obedeceram aos mesmos procedimentos metodológicos: distribuição prévia de um roteiro para o acompanhamento dos documentários contendo informações gerais sobre os vídeos exibidos, o cuidado para observarem e registrarem os aspectos físicos e/ou humanos que mais chamassem a atenção, e uma avaliação.

Após a projeção dos vídeos, realizou-se uma aula dialogada para que os alunos expressassem suas opiniões sobre os vídeos vistos, algo que, segundo Kaercher (2004, p. 222), tem faltado nas salas de aula:

[...] é preciso haver uma postura renovada de maior diálogo, não só entre professor e aluno, mas com o próprio conhecimento. [...] para que o aluno perceba que não estamos, quando damos aula, ensinando doutrinas, verdades, mas sim estamos construindo um conhecimento novo a partir do que já temos (a fala do professor, do aluno, o livro texto, os meios de comunicação etc.).

Na 8ª série/9º ano, o primeiro documentário intitulado “Terra ao sul do Saara”, com duração de 22 minutos, mostra a realidade africana na década de 1960, enfatizando a sua Geografia e os aspectos culturais, e o segundo documentário, “O vale do rio Nilo e seus habitantes”, com duração de 15 minutos, apresenta as civilizações que durante 50 séculos viveram/vivem às margens do referido rio, dependendo de suas águas para sobreviverem. E, apesar de ambos os documentários abordarem assuntos relativos à África, cada qual apresenta uma realidade distinta deste continente.

O primeiro documentário retrata o difícil e complicado processo de colonização promovido pelas metrópoles europeias, marcado pelo aniquilamento das populações locais, e que alimentou, durante muitos anos, uma trágica história de preconceito racial e social, de desigualdade e de violência.

Descreve o funcionamento e desenvolvimento da política de intolerância conhecida por *apartheid*; a difícil convivência entre os brancos e os negros; a parcialidade do Estado, priorizando os interesses de uma minoria branca em detrimento da maioria negra; o desrespeito ao ser humano, por meio de práticas inaceitáveis, baseadas no autoritarismo e na brutalidade, entre outros. Após a exibição desse vídeo, os alunos diziam:

*Nossa, os negros não podiam usar a mesma escada, tinha uma escada separada para os brancos e outra para os negros;
Os negros só podiam entrar no ônibus pela porta de trás?;
Só podiam se sentar no fundo do ônibus;
O bairro dos brancos era bonito, já os dos negros pareciam favelas;
Não sabia que isso tinha acontecido!* (Depoimentos dos alunos da EJA).

Os depoimentos acima mostram que os alunos foram capazes de entender, dentre outras coisas, que os colonizadores exterminaram as populações locais, seja por meio do uso deliberado da violência, com assassinatos, ou por intermédio da miséria e da fome. Surpreenderam-se ao saber que os brancos chegaram e tomaram as terras que historicamente pertenciam aos negros, expulsando-os e, muitas das vezes, eliminando-os.

Ficaram chocados com as imagens nas quais os brancos não se misturavam com os negros: escolas para brancos e escolas para negros; postos de trabalho para brancos e postos de trabalho para negros; bairros para brancos e bairro para negros, e assim por diante. Outra questão trabalhada é a riqueza existente no subsolo do território africano, tal como ouro, diamantes e outros minerais.

Todavia, essa riqueza e desenvolvimento não se refletiram na melhoria de vida da grande maioria da população, pois os salários são baixíssimos, e a falta de um sistema educacional gratuito e de qualidade, perpetua a desigualdade social.

Segundo os alunos, a riqueza continua nas mãos dos ricos, e os negros permanecem excluídos. Segundo o aluno P (24 anos e pintor de residências e estabelecimentos comerciais): *[...] o continente africano é muito rico e as pessoas são muito desvalorizada e as riquezas são pesima distribuída entre elas que ali abitam.*

Acredita-se que essa prática pedagógica foi capaz de romper com a ideia da Geografia como ciência da síntese, e conforme anuncia Kaercher (2004, p. 222), é “[...] preciso uma postura mais investigativa, que reproduza menos generalidades que tanto povoam a Geografia (Geografia como síntese, Geografia como cultura geral etc.)”.

Segundo esse autor, deve-se romper com a visão cristalizada e monótona da Geografia como a ciência que descreve a natureza e/ou dá informações gerais sobre uma série de assuntos e lugares, e fazer com que o aluno perceba a importância do espaço, na constituição

de sua individualidade e da(s) sociedade(s) de que ele faz parte (escola, família, cidade, país, etc.).

Nesse vídeo, a realidade retratada é bastante diversa e contraditória. Todavia, não é essa a noção de espaço geográfico que os docentes de Geografia dos diferentes níveis e modalidade de ensino almejam desenvolver nos seus alunos? Não é o espaço geográfico consequência de interesses e, mais ainda, do poder de transformação muitas vezes exercido pelo capital?

É compreendendo a espacialidade das práticas sociais que podemos ajudar nossos alunos (e a nós mesmos) a entender melhor o local, o nacional e o global e, melhor ainda, compreender as relações entre essas escalas (KAERCHER, 2004).

Quanto ao segundo documentário: “O vale do rio Nilo e seus habitantes”, a temática principal é a importância do rio na vida das populações que vivem em suas proximidades.

Para tanto, apresenta uma retrospectiva desde os primórdios da História humana até os dias atuais, mostrando os aspectos físicos das regiões que são banhadas pelo Nilo, enfatizando a relação de dependência e de respeito dos povos para com as suas águas.

Mostra como a relação do rio com a terra é fundamental para a produção de alimentos, pois as áreas férteis localizam-se às suas margens; e nas áreas mais distantes, utiliza-se a técnica da irrigação, com as suas águas. Mesmo nos tempos mais remotos, se fazia uso de técnicas e instrumentos artesanais para a irrigação; hoje essa tecnologia é importada, e o seu alto custo exclui os pequenos produtores.

Os seus 7.000 km², passando por várias e importantes cidades, como Cairo, capital do Egito, permitem observar as diferentes paisagens e, o mais importante, visualizar de forma didática a relação sociedade e natureza.

Ao final da aula dialogada, os alunos responderam ao questionário avaliativo, composto por quatro questões abertas, com o objetivo de avaliar a aprendizagem.

Com relação ao processo de ensino e aprendizagem em Geografia, Oliveira (2004, p. 218) esclarece:

O ensino/aprendizagem da Geografia deveria ser planejado no todo, compreendendo os diferentes níveis de ensino, atendendo às diferenças, aos interesses e as necessidades das diversas clientela, considerando o desenvolvimento intelectual e visando a formação de uma cidadania responsável, consciente e atuante.

Aplicou-se um total de 13 questionários, respeitando a escrita original dos alunos. Assim, quando questionados se haviam gostado dos vídeos apresentados, a aprovação foi unânime, conforme segue:

Porque com os filmes pode conhecer sobre a vida e a importância das pessoas que vivem na África sobre suas culturas o modo de viver a importância das plantações como caná, café, cacau e etc. E também sobre a maior riqueza que vem do subsolo o ouro que vem da África do sul. (E, 28 anos, "do lar").

Porque aprendi muito coisas boas como a beleza do Saara, a grandeza do Rio Nilo, a cultura de um povo forte, enfim descobri um novo continente. (W, 36 anos, motorista).

Porquê com os documentários podemos ver que na terra ao Sul do Saara e o Vale do rio Nilo e seus habitantes não têm somente pobreza, mais sim muita riqueza. (R, 26 anos, auxiliar geral).

Eu gostei porque entendi mais sobre a África pensava que a África era um país mais pobre mais pelo contrário tem muitas riquezas, mais são maus distribuídas as riquezas ficam nas mãos de poucas pessoas iguais ao nosso Brasil. (P, 33 anos, auxiliar de serviços gerais).

Porque, são documentários muito interessantes, que mostra para o povo muitas coisas, como também mostra que o homem não tem domínio total sobre a natureza. (D, 16 anos, estudante).

Porque é uma maneira de conhecermos outras culturas. E com documentários em vídeo fica muito mais fácil o entendimento. (F, 29 anos).

Os depoimentos acima mostram que os alunos gostaram dos documentários porque foram apresentados a um conteúdo novo, confirmado pela fala do aluno W (36 anos e motorista): “[...] descobri um novo continente”.

Uns relatam a importância de terem conhecido a cultura, a economia, os aspectos sociais, desmistificando, inclusive, a ideia que muitos tinham de que no continente africano só existe pobreza.

As riquezas, como o ouro, os diamantes, e os demais recursos naturais, também estão presentes em seus relatos. Contudo, foram capazes de compreender que essa riqueza está mal distribuída, tecendo inclusive uma relação com o Brasil. Destaca-se o depoimento do aluno F, de 29 anos, que coloca que o vídeo facilitou a compreensão dos conteúdos: “[...] com documentários em vídeo fica muito mais fácil o entendimento”.

Indagados se os dois documentários foram importantes para melhor aprender e compreender sobre/o Continente Africano, os 13 alunos pesquisados responderam que sim:

Pois os Africanos dependem do rio para sobreviver e ele é importante para as plantações e também para fornecer energia para seus habitantes e com os filmes pode ver a importância da agricultura. Também nos mostra que os brancos vivem isolados, só eles podem desfrutar das maravilhas. E também não são todos habitantes que podem estudar. (E, 28 anos, "do lar").

Porque estes documentários mostra o desenvolvimento econômico da África, suas indústrias, e plantações, beleza selvagem, riqueza e pobreza desigualdade social e cultural e racismo. (W, 36 anos, motorista).

ajudou a ver os seus costumes as suas crenças os modos de vida que não e nada vaziu mas eles estão lutando para melhorar um país de muitas tribos diferentes por isso o país está se difidindo. (P, 33 anos, auxiliar de serviços gerais).

Este bloco de três respostas mostra que os alunos atentaram para os aspectos econômicos (agricultura, indústrias), sociais (segregação socioespacial, desigualdade social e racial, pobreza, falta de escolas) e culturais (costumes, crenças), expostos nos documentários.

A aluna E, de 28 anos e "do lar", salienta a importância do rio Nilo para a população que depende dele para sobreviver; o aluno W, 36 anos, enfatiza a beleza selvagem própria deste continente; por fim, o aluno P, de 33 anos, auxiliar de serviços gerais, destaca a presença de diferentes tribos. Ou seja, para cada aluno, um ou outro detalhe marcou essa experiência, coadunando com a concepção de ensino/aprendizagem de Oliveira (2004, p. 219):

[...] em termos de ensino/aprendizagem, cada estudante constrói (independente dos diferentes níveis), e cada conteúdo é construído (neste caso, o geográfico) em sua própria dimensão dos significados em níveis de abstração, sua própria visão de mundo e de homem, seu próprio conhecimento social e ambiental e, por fim, atinge sua própria cidadania.

Os relatos de outros três alunos evidenciam que o que mais chamou a atenção foi a exploração que os países africanos sofrem por parte de outras nações, por meio da extração e exportação de riquezas, como o ouro e os diamantes, de matérias-primas, como o algodão e outros. Isso não propicia a melhoria das condições de vida da maioria da população, os negros:

Porquê as terras africanas são muito explorada pelas extrações de ouro isso implica que seu país vive com uma renda muito baixa, pois suas riquezas são exportadas para outros países. (M, 24 anos, mecânico (leve)).
Porque eu achava que ele era um país pobre, mais verdade e muito rico em madeira prima, mas é igual o nosso país exporta as coisas de primeira para outro país e deixa só os restos. (A, 30 anos, operadora de incubatório).
Porque, na verdade eu não sabia que na África tem tantas riquezas e que o ouro, o diamante e muitas outras riquezas destes países de 1º mundo são retirados de lá. Então eu aprendi mais sobre o continente africano neste período, que fala sobre o continente africano. (D, 16 anos, estudante).

Para finalizar, destacam-se as respostas dadas pelos alunos T, de 38 anos e auxiliar de produção e F, de 29 anos, que afirmam ser interessante estudar a geografia da África por meio do vídeo, e reconhecem que o tempo é um obstáculo para o desenvolvimento dos trabalhos em sala de aula:

O Continente Africano tem várias divisões, que eu não conhecia. Pois assistindo entendo melhor a vida de outras pessoas, do outro país. E posso aprender melhor a geografia geral. (T, 38 anos, auxiliar de produção).
Porque conseguimos visualizar de forma clara com uma linguagem de fácil entendimento, nos livros as vezes não vemos os detalhes, além do tempo, uma hora de vídeo equivale a quase um livro inteiro. (F, 29 anos).

Sobre a importância dos documentários no processo de aprendizagem da Geografia da África, os depoimentos abaixo transcritos confirmam sua contribuição:

Aprendi que a Geografia mas uma vez mostra que a África é um grande país, que se dividiu após a 2ª Guerra Mundial, surgiu naquela época um enterece políticos atraídos pelas riquezas como ouro, petróleo e minérios e os pobres vivem em miséria está e a realidade. (W, 36 anos, motorista).

Aprendi que a Geografia da África não é um país tão pobre como dizem, é uma terra que contém várias riquezas como: matéria-prima, o plantio de cafezais, os minérios ali tirados, o plantio de algodão e vários outros aspectos. (S, 28 anos, camareira).

Que o país não é tão pobre o quanto eles falam pois são muitos ricos em exploração de minas de ouro, pois seus trabalhadors não são muito arrendados, suas exploração são exportada para outros países e o lucro e de quem compra os ouros. (M, 24 anos, mecânico (leve)).

Que a África é na verdade um país muito rico que ainda continua sendo explorado pelos países desenvolvidos. (F, 29 anos).

Os quatro relatos acima evidenciam que, para esses alunos, a África é um continente - ou equivocadamente um país, conforme relatos de alunos - rico em diversos recursos naturais (ouro, diamantes, minérios, petróleo), além da produção do café, do algodão, mas que, infelizmente, isso não tem sido revertido no combate da pobreza, da miséria e da fome.

Ademais, os meios de produção, o capital e o poder encontram-se nas mãos dos ricos, e a produção é exportada para outros países, assim como o lucro. A problemática da injustiça social está presente, nos diversos depoimentos dos alunos, da 8ª série/9º ano ou da 6ª série/7º ano.

Os relatos dos alunos T e E evidenciam a forte discriminação étnico-racial; os negros foram e continuam sendo oprimidos pelos brancos. Por sinal, o não acesso à escola para todos culminou em violentas revoltas:

Que tem um vasto deserto, com pessoas que sofre muito, que lá só os brancos tem direitos. Só algumas pessoas podiam estudar. Os brancos vivem isolados dos negros. [...] Eles viviam em aldeias. Bairro negro fica afastado, teve a revolta política. (T, 38 anos, auxiliar de produção).

Aprendi que a vida da Africa é rica em muitas plantações como oleo Dedé, caná, café, cacau, algodão mas ao mesmo tempo é sofrida. Por causa da exportação. Pois onde só os brancos tem os privilégios como escola e desfrutar das maravilhas. (E, 28 anos, "do lar").

Para os alunos D, 16 anos, estudante e P, 24 anos, pintor de residências e estabelecimentos comerciais, o mais importante foi aprender que a Geografia não se resume a mapas e a memorizar nomes. É também o estudo das relações do homem com natureza, do espaço como palco da luta de interesses políticos e econômicos, dos embates entre os diferentes grupos sociais:

Eu aprendi que, Geografia não são só mapas e falar sobre cidades e capitais, e sim falar sobre os povos africanos e outros povos, falam de suas crenças, culturas e etc. (D, 16 anos, estudante).

Eu aprendi que tem muito que aprender pois eu vi coisas que nunca imaginária ver, pessoas com tantas dificuldades sem ter onde estudar, sem lugar adequado para se viver. A Geografia é aquilo tudo detalhes que nós nunca saberemos, se ela nós mostrar. (P, 24 anos, pintor de Residenciais e comerciais).

Neste sentido, (PONTUSCHKA *et al.*, 2006; KAERCHER, 2004; BARBOSA, 2003; MORÁN, 1995), corroboram que o desenvolvimento, por exemplo, da capacidade de observação e de descrição dos lugares que vemos “ao vivo”, em filmes e fotos, são muito importantes, assim como o registro da sistematização do que está sendo trabalhado na aula, pois esta é outra habilidade fundamental em Geografia.

Por fim, solicitou-se que os alunos relacionassem os conteúdos vistos nos dois documentários e a sua realidade, o espaço real:

Eu acho que a vida dos Africanos é muito sofrida, pois eles tem muitas plantações e gados mas mesmo assim eles sofrem, e a maior riqueza vem do subsolo que é o ouro que vem da África do sul, mas mesmo assim sofrem com muita pobreza pois exportam as suas matérias primas é igual o Brasil que é rico. (E, 28 anos, "do lar").

A aluna E, assim como outros alunos, relacionou o fato de alguns países da África exportarem as suas riquezas e produtos, tal como acontece com o Brasil. Para ela, o nosso país também é rico, mas isso não tem sido capaz de diminuir o sofrimento da grande maioria da população, pois a riqueza é mal distribuída.

Com a realidade de hoje as pessoas plátão e colhem, para sua sobrevivencia, muitas pessoas ainda depêndem de seus artesanatos como os habitantes dependiam do rio Nilo. Hoje nós dependemos do nossos rios e natureza para nossa sobrevivência, pois não podemos poluir nossos rios, mares e não desmatar nossa natureza. Pois dependemos da vida natureza para sobrevivemos. (R, 26 anos, auxiliar geral).

A aluna R chama a atenção para a necessidade de se conservar os recursos naturais africanos e brasileiros, pois esses são fundamentais para a sobrevivência dos povos. Para a aluna, essa é uma questão que permeia a realidade de todos, inclusive a sua própria vida.

Os negros ficavam separados dos brancos eram tratados como escravos mas se organizaram e conseguiram a independencia do pais a áfrica foi colonizada por vários países e ate hoje veve explorada por alguns pases o ouro, a cana de açúcar o cobre e tata riqueza e esportada para outros países e compre produto manufaturado mais caro e nada diferente do nosso pais o Brasil. (P, 33 anos, auxiliar de serviços gerais).

Há não tem tanta diferença em termos pois a riqueza no Brasil também e mau distribuída. Mas o modo do nosso cotidiano e bem melhor do que muitos pois, nos temos uma escola para estudar e temos conforto em nossas

casas e somos muito bem abastecidos de água. Puringuato. (P, 24 anos, pintor de residenciais e comerciais).

Os alunos P, de 33 anos, e P, de 24 anos, observaram que alguns países do continente africano exportam matérias-primas com baixo valor agregado, e importam produtos manufaturados de maior valor, e isso, segundo eles, também acontece no Brasil.

Para a aluna F, a rotina diária, bem como as lutas, africana ou brasileira, pela sobrevivência, são as mesmas, ou seja, guardadas as diferenças, são povos que enfrentam problemas semelhantes:

Bom, apesar de estamos em regiões muito distantes a busca pela sobrevivência é a mesma. Aqui acordamos cedo, trabalhamos, produzimos e consumimos e isso também acontece no vale do Rio Nilo a diferença esta na facilidade com que conseguimos conquistar bens, lá é bem mais difícil. (F, 29 anos).

A desigualdade social chamou a atenção da aluna A, pois, segundo ela, a riqueza encontra-se nas mãos dos poderosos, enquanto o povo vive na miséria:

Terra ao sul do Saara os negros são isolados dos brancos. O rio nilo as pessoas vivem o seu redor. Eu pensava que a África era pobre, mais depois que eu assisti este vídeo, acabei de saber que este país é muito rico mas está riqueza vivem na mão de pessoas muito poderosas enquanto as pobres vivem na miséria. (A, 30 anos, operadora de incubatório).

Diante do exposto, constata-se que os dois documentários contribuíram para a construção dos conhecimentos geográficos relativos ao continente africano. Os depoimentos evidenciam que houve uma compreensão dos temas trabalhados, principalmente no que diz respeito ao conflito de interesses na construção do espaço geográfico.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante a situação brasileira, cujas políticas públicas educacionais ainda não foram capazes de promover o acesso de todos à educação formal, constata-se a necessidade de se pensar práticas pedagógicas críticas que atendam às especificidades desse público.

No planejamento escolar para essa modalidade de ensino, o educador deve ter em mente o objetivo político, científico e técnico de sua aula, de forma a conduzir o educando da EJA a reconhecer-se como sujeito social ativo na construção do espaço geográfico.

Em sua prática pedagógica, o educador deve servir-se de diferentes recursos didáticos, dentre eles o vídeo (filmes e documentários), com planejamento e objetivos definidos, a fim

de enriquecer os processos de ensino e aprendizagem e mobilizar os educandos na busca e construção de novos conhecimentos, e na elaboração de raciocínios geográficos.

Conforme relato dos educandos, os vídeos nas aulas de Geografia cumpriram o seu papel de potencializar e enriquecer a prática pedagógica em sala de aula, devido a sua forte relação com a realidade, característica fundamental para o ensino da Geografia. Possibilitaram o estabelecimento de relações entre as diferentes realidades abordadas, contextualizando-as. Contribuíram para aprofundar a capacidade de abstração dos educandos, que passaram a compreender o espaço geográfico como resultado da disputa de poderes e interesses, geralmente conflituosos e contraditórios.

Trata-se de um novo olhar sobre a Geografia Escolar e sobre o papel da escola como um importante espaço na busca pela construção de uma cidadania cada vez mais plena.

VIDEO USE IN GEOGRAPHY TEACHING FOR THE YOUTH AND ADULT EDUCATION

ABSTRACT

Recently, the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), released on its 11th Education for All Global Monitoring Report information about the educational situation of national states. The report shows that the exclusion of marginalized groups persists, points out that adult literacy has not advanced, and that the number of adolescents not attending school is stagnant. In the global ranking on the number of adult illiterates, Brazil occupies the 8th place, reinforcing the need for public policies for the Youth and Adults Education (EJA). This article is part of our master's research "The adult education student Educational Geography: paths for a teaching practice", whose objectives were to know and understand the development of Geography teaching and learning processes; to investigate how Geography teaching is practiced in adult education classrooms; to analyze the adult education students learning regarding the Geographic contents taught and to identify, to analyze and to propose appropriate methodologies for teaching Geography in adult education classes of elementary school. In this article, we discuss the use of video as a teaching resource and its role in Geography teaching and learning processes. After conducting two pedagogical practices in different classes, we realized its contribution to the EJA student because it offers him the possibility of launching a "new" look at the geographic space, a result of the powers and interests dispute, often conflicting and contradictory.

Keywords: Geography. Education. EJA. Educational resources.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Geografia na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 109-133.
- BORGES NETO, Fernanda. **A Geografia Escolar do Aluno EJA: caminhos para uma prática de ensino**. Uberlândia: UFU, 2008. 180f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.
- CASÉRIO, Vera Mariza Regino. **Educação de jovens e adultos: pontos e contrapontos**. Bauru: EDUSC, 2003. 132p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. 184p.
- KAERCHER, Nestor. A. O gato comeu a Geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. **Geografia em perspectiva**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 221-231.
- LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2004. 263p.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudo e proposições**. São Paulo: 1995. 180p.
- MORÁN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**. São Paulo, v. 2, p. 27-35, 1995.
- MORIN, André. **Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropopedagogia renovada**. Trad. de Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A. 2004. 229p.
- MORTE e Vida Severina. Direção de Walter Avancini. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 1981. 1 filme (65 min), son., color.
- O VALE do rio Nilo e seus habitantes. Direção: Enciclopédia Britânica. São Paulo: Barsa Vídeo, 1987. 1 vídeo cassete (15 min), VHS, son., color.
- OLIVEIRA, Livia de. O ensino/aprendizagem de Geografia nos diferentes níveis de ensino. In: PONTUSCHKA, Nidia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Geografia em perspectiva**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 217-219.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos**. Paris: France, 2014. 57p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002256/225654por.pdf>>. Acesso em: 07 fev 2014.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. (Orgs). **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 383p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA – PMU. **Conteúdos disciplinares de Geografia – Educação de Jovens e Adultos/2007**. Uberlândia: CEMEPE, 2007. 3p.

RESENDE, Márcia Syper. **A Geografia do aluno trabalhador**: caminhos para uma prática de ensino. São Paulo: Edições Loyola, 1986. 181p.

TERRA ao sul do Saara. Direção: Enciclopédia Britânica. São Paulo: Barsa Vídeo, 1987. 1 vídeo cassete (22 min), VHS, son., color.

Recebido para avaliação em 12/07/2015 e aceito para publicação em 03/12/2015.